

O (in)dizível de William Chandless sobre as Amazônias nas palavras de Raquel Alves Ishii

Tayson Ribeiro Telesⁱ

RESENHA

ISHII, Raquel Alves. *William Chandless: arte e ofício em literatura de viagem pelas Amazônias*. Rio Branco: Nepan Editora, 2019, 125p.

As fontes documentais [...], as narrativas de viagens – são interpretações que certas mulheres e homens, em determinados contextos [...], fazem do mundo e das coisas do mundo [...]. Nessas interpretações, atua um conjunto de subjetividades que se “apoderam” de suas imaginações e “governam” seus pensamentos, conferindo [...] formas e conteúdos [...] encarados como única possibilidade de percepção [...] (ISHII, 2019, p. 55)

O escopo do escrito é resenhar a obra em epígrafe. O livro de Raquel Alves Ishii, que é professora da Universidade Federal do Acre (UFAC), possui três capítulos e é proveniente de sua pesquisa de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) da UFAC. Na obra, Ishii analisa relatos de viagem do inglês William Chandless, que este escreveu quando, no século XIX, viajou/esteve pela região do atual estado brasileiro do Acre. Chandless, um constante viajante pelo mundo, que era Bacharel e Mestre em Artes e também possuía formação de sua época para ser Advogado, era pertencente às elites econômicas inglesas e ele próprio bancava suas viagens. Esse viajante conheceu muitos lugares do mundo e “durante a segunda metade do século XIX, Chandless percorreu e estudou diferentes rios que cortam a região que hoje se configura como o Estado do Acre” (ISHII, 2019, p. 35). Além disso, “de 1858 a 1861, Chandless percorreu grande parte dos países da América Latina” (ISHII, 2019, p. 47).

ⁱ Mestre (2016) e Doutorando (2020-2024) em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Professor de Economia e Gestão de Finanças e Comércio no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (IFAC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1309-8708> | tayson.rteles@gmail.com

O livro de Ishii mescla leitura leve e fácil com elevada densidade teórica. Raquel demonstra elevado esforço de tentar compreender os passos de Chandless pela Amazônia e pelo Acre em tempos pretéritos. Ela exclama que “ao ler os escritos, não há como não se colocar no lugar do viajante desbravador” (ISHII, 2019, p. 27). Logo na introdução, chamou-me atenção a forma como a autora nomeia o início da obra: “A escrita sobre a escrita”. Tal nome demonstra a inescapabilidade da escrita no sentido de que até para descrever a escrita, o jeito que escrevemos algum texto/livro, precisamos escrever tal descrição (dentro do próprio texto/livro). A linguagem é inescapável.

Leopoldo Bernucci, na apresentação do livro, aduz que Raquel estabelece relações entre o “olhar preconcebido do viajante letrado e a paisagem humana e natural encontrada por ele nos trópicos” (BERNUCCI, 2019, p. 16). Segundo Bernucci, sobre os viajantes europeus que pisaram na Amazônia em séculos passados, alguns vieram eivados de preconceitos e outros ajudaram, de algum modo, a entender a vida dos povos amazônicos daquela época, onde Bernucci coloca William Chandless. Bernucci diz que Raquel nos evidencia que “muitas vozes locais foram abafadas ou simplesmente obliteradas pelo discurso eurocêntrico dos viajantes na Amazônia” (BERNUCCI, 2019, p. 18).

Nessa toada, no livro Ishii nos diz ser necessário “olhar criticamente as representações ou ‘modelos comportamentais’ de ‘culturas colonizadas’ que estão presentes – não exclusivamente – na literatura” (2019, p. 24) sobre a Amazônia. Em relação à Amazônia, Raquel afirma que existem discursos sobre a região nos quais predominam, ou se sobressaem, vozes/perspectivas eurocêntricas. Nesse sentido, é importante não ver a “Amazônia como um dado objetivo, um todo homogêneo, passível de uma catalogação universalizadora de sua paisagem, de seus aspectos econômicos, relações de parentesco, concepções religiosas, características linguísticas, entre outras” (ISHII, 2019, p. 25), como a maioria das narrativas europeias veem.

Acredito que a metodologia analítica de Ishii é uma espécie de “desconfiança política perene” em face de discursos dominantes sobre a Amazônia. Diz a autora: “No presente estudo, em particular, a linguagem é considerada essencialmente política” (ISHII, 2019, p. 83). A política é a vida em si, para mim, e nesta vida devemos desconfiar de tudo, de todo óbvio, de todo pronto e acabado, de todo dado objetivo e “natural”, de todo universal e Raquel nos incentiva a isso. Sobre Chandless, “suas anotações serviram a historiadores, geógrafos, antropólogos, linguistas e a tantos outros pesquisadores, como

fonte de dados objetivos” (ISHII, 2019, p. 25), o que é bem problemático, porquanto Raquel insculpe que não devemos ver os documentos como algo objetivo. Assim:

[...] os relatos devem ser referenciados apenas como textos, ou como enunciados (sentidos formulados), constituindo, em primeira instância, uma manifestação da linguagem, podendo ser atravessada por discursos os mais diversos. (ISHII, 2019, p. 84)

O objetivo de Ishii é contribuir para uma conscientização de que Chandless, e tantos outros narradores sobre a Amazônia, não podem ser alçados a patamares de promanadores de “verdades absolutas”, de descritores históricos totalmente objetivos. Segundo Raquel, coube a ele “apresentar a seus leitores as ‘realidades’ que presenciou, vivenciou ou ouviu, acompanhada[s] das ‘análises’ e traduções que fez sobre essas mesmas ‘realidades’” (ISHII, 2019, p. 34). Porém os relatos de Chandless são sempre subjetivos, datados, contextuais especificamente, provenientes de interesses particulares dele próprio. Raquel assevera: “[...] procuro fazer referências às razões históricas que o levaram [Chandless] a escrever o que escreveu [...], tento localizar seus escritos em uma determinada conjuntura histórica que, por sua vez, exerce efeitos sobre seu discurso” (ISHII, 2019, p. 58).

Prossegue a autora:

[...] minha disposição não é a de reforçar o discurso dominante sobre a ausência de civilização nas localidades “amazônicas” e nos modos de vida – aqui entendidos como culturas – de suas respectivas populações. Minha pretensão é buscar, no “não dito”, as vozes silenciadas ou as presenças relegadas às margens das narrativas e do discurso dominante nesses relatos. (ISHII, 2019, p. 56-57)

O relato de Chandless, diz a autora, reedita olhares sobre a Amazônia sacralizados em textos escritos por diferentes “descobridores da Amazônia”, a partir dos interesses de diferentes épocas/contextos e, nessa direção, Raquel nos alerta que, na Amazônia, alguns viajantes e cronistas tenderam a uma “homogeneização de rostos, cores, árvores, rios e animais” (ISHII, 2019, p. 26). Nessa perspectiva, é necessário “‘profanar’ as sacralizações historicamente construídas, procurando encontrar nas ‘margens’, nas ‘sombras’, nos ‘rastros’ ou nos ‘esquecimentos’” (ISHII, 2019, p. 30) outros discursos.

Ishii afirma que tudo indica que mesmo com algumas descrições errôneas sobre o que via, os relatos de Chandless objetivaram servir/contribuir, de modo geral, para a

“ciência”. Isso, porque embora houvesse muitos interesses internacionais comerciais em relação à região amazônica do “Acre”, em relação a Chandless:

[...] a exploração científica da região, em seu sentido amplo, configura-se como seu principal objetivo, não somente em relação à viagem ao Purus, mas em todas as suas viagens fluviais. Sua formação humanística dá conta de que o olhar do viajante voltou-se para questões que vão além da hidrografia ou da geografia da região, à exemplo, das inúmeras descrições dos modos de viver ou das práticas culturais locais. Suas observações a respeito dos habitantes das margens dos rios, seus “costumes” e “aparência” são de ordem etnológica. (ISHII, 2019, p. 41)

Percebo que o livro de Ishii nos inspira a percebermos que Chandless ratificou ter, em seus relatos, algumas das maiores características do ser humano: o erro, a incongruência, a contradição, a insensibilidade e o preconceito *in faciem* do “diverso/diferente”. Segundo Euclides da Cunha, que visitou também o Acre depois de Chandless, havia algumas “inverossimilhanças presentes nas cartas geográficas de Chandless” (ISHII, 2019, p. 36). Contudo, Raquel nos mostra que Chandless, embora o grande valor historiográfico de seus relatos, não se equivocou apenas em cartas geográficas, mas também em algumas de suas percepções sobre a Amazônia, sobre o Acre e suas gentes.

Em certa parte da viagem, Chandless narra as “dificuldades em conseguir uma tripulação de ‘índios bolivianos’ considerados por ele ‘melhores’ do que os brasileiros” (ISHII, 2019, p. 51). O que leva uma pessoa a categorizar indígenas, comparando-os entre si e elegendo alguns como melhores que outros? Para Chandless, naquela sua época, o que o motivava era primordialmente sua “ciência”. Sua ciência positivista, estruturalista e ortodoxa. “As categorias clássicas de uma ciência positiva, capaz de descortinar ou desvelar tudo pelo crivo da razão e da objetividade compõem o ‘espírito’ dos relatos de William Chandless” (ISHII, 2019, p. 56).

Segundo Ishii, “os registros de [...] Chandless nos apresentam ‘uma dada dimensão da realidade’, uma leitura, uma interpretação [...] uma tradução” (ISHII, 2019, p. 56). Contudo, Raquel diz:

Como apreender [...] a realidade? De que maneiras é possível descortinar os meandros das estruturas verbais, literárias, simbólicas, imaginárias que procuram apresentar relatos sobre a realidade? Como encontrar a objetiva verdade do relato científico, se ele é estruturado a partir de perspectivas seculares e comprometidas com causas de grupos humanos, subordinando seus

desígnos aos “mundos naturais” das plantas, animais e outros seres vivos? (ISHII, 2019, p. 57)

Ishii lembra Stuart Hall, afirmando que somente podemos conhecer o real por meio da linguagem. E a linguagem é sempre determinada por contextos. “O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto” (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2014, p. 109) e “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2014, p. 117).

Raquel nos diz que devemos lembrar que Chandless:

[...] cresceu e produziu seu ‘legado literário’ num mundo que vivia a ‘era dos impérios’, consolidado em diversos sentidos pelas profundezas dos mundos não europeus e não brancos, especialmente, as Áfricas e as Américas indígenas, negras e mestiças. (ISHII, 2019, p. 58)

Os relatos de Chandless atualmente vistos como negativos em algumas partes, então, têm uma origem na cultura dominante da época de seus escritos. Raquel lembra que para alguns viajantes da Amazônia as pessoas “não letradas” eram sub-humanas, algumas outras eram vistas como animais úteis e outras como predadores a serem eliminados. Raquel recorda, nesse contexto, que com fatos como a invenção do microscópio e as ideias de Charles Darwin, que defendia algo em comum entre os homens e os animais, foi minado o argumento de superioridade entre os homens e os animais.

Assim como outros viajantes da Amazônia, Chandless também narrou o perigo de alguns animais e algumas “pragas”, como os insetos. Falou das doenças tropicais também. Importa notar, nessa direção, que “muitos viajantes atribuíram ao ‘clima insalubre’ a responsabilidade de muitas doenças” (ISHII, 2019, p. 65). Outros acreditavam que algumas doenças, como a malária, surgiram pelos comportamentos de algumas populações da Amazônia em relação à higiene. Raquel nos conta que em Chandless também conseguimos ver a noção de “vazio demográfico” da/na Amazônia. Ishii afirma que Chandless recorre a estereótipos, como o da “ausência de civilização”, referindo-se não somente à ‘paisagem’ local, mas também aos modos de vida dos habitantes ‘locais’” (ISHII, 2019, p. 67).

É fulcral para a autora que:

[...] centenas de comunidades de mulheres, homens e crianças são reificadas pela pena etnocêntrica de Chandless que, ao “relatar” suas viagens, silencia outras vozes. No entanto, as “vozes silenciadas”, repletas de saberes e conhecimentos sobre os caminhos e as águas singradas pelo cientista europeu, paradoxalmente, insistem em se manifestar no emaranhado das complexas teias em que o viajante interpreta e traduz ao “mundo da ciência” o que “seus olhos viram”. (ISHII, 2019, p. 67)

Raquel ressalta que Chandless “classifica” como semelhantes grupos, principalmente de indígenas, que são/eram totalmente diferentes, “ou seja, [...] sua narrativa se assenta numa espécie de ‘totalidade humana’, hierarquizada a partir de si próprio ou de sua cultura como topo mais alto” (ISHII, 2019, p. 69). Além disso, “‘covardes’, ‘hostis’, ‘traíçoeiros’, ‘ladrões’, ‘mentirosos’, os velhos adjetivos desqualificadores dos grupos indígenas contrastando com outra visão, também, idealizada nos séculos de contato, o de ‘raça guerreira’, ocupam as páginas do relato de Chandless” (ISHII, 2019, p. 73). Raquel evidencia que Chandless “enquadra” o seu “outro” na Amazônia a partir de sua perspectiva “civilizada” e “científica”. Em relação a Chandless:

[...] nos seus escritos, tempo e espaço são tecidos pela lógica de instrumentos técnicos capazes de estabelecer coordenadas, latitudes, longitudes, temperaturas, “verdades científicas”. Classifica plantas, animais, línguas e homens. Nesse fazer “da ciência” não prescinde das literaturas e relatos de outros viajantes e, principalmente, dos conhecimentos e dos saberes daqueles que o acompanham ou que encontra nas viagens, e que são portadores de um saber produzido e transmitido pela oralidade. (ISHII, 2019, p. 79)

“Mais do que a história de uma ‘gente inferior’, os relatos de Chandless, assim como diversas outras narrativas, na estreita ‘zona’ que define o ‘eu’ e o ‘outro’ funda uma noção de ‘civilização’ em terras longínquas” (ISHII, 2019, p. 79). Raquel diz que, em suas viagens pelo Purus, Chandless classificou algumas línguas indígenas. Vendo sua língua europeia como superior ele chamou línguas e povos indígenas de primitivos, criando uma espécie de hierarquia de homens e línguas. A autora propugna que, “paradoxalmente, os mesmos relatos de viagem que servem como fontes para a identificação de um discurso etnocêntrico sobre os habitantes da ‘Amazônia’, atuam como meio pelo qual as vozes desses habitantes, ainda que silenciadas [...] são registradas pelas ‘estruturas históricas’” (ISHII, 2019, p. 107).

Teço agora algumas palavras sobre as conclusões de Raquel. O livro de Raquel nos clarifica na mente ser patente que “o ‘olhar europeu’, ou seja, o ‘olhar etnocêntrico’ exclui o ‘olhar do não europeu’, tendo em vista o caráter arbitrário do processo de

classificação/mediação cultural” (ISHII, 2019, p. 110). Nesse diapasão, inspirada em Glissant, Raquel acredita ser imprescindível “um modo não binário de compreender a experiência humana, ou seja, que nos permita ser nós mesmos e ser outro, sem que isso signifique diluir-se por completo no outro” (ISHII, 2019, p. 29).

O exercício do estudo de Raquel é “o de não reduzir ao modo binário de classificação a relação do ‘eu’ e o ‘outro’” (ISHII, 2019, p. 109), ou seja, o europeu e o não europeu, o estrangeiro e o nativo, o colonizador e o colonizado. Para Ishii, a vida é mais que isso. Precisamos, em nossas práticas reflexivas, passar longe de reducionismos e determinismos. Enxergar por fora dos maniqueísmos.

Raquel diz que os textos/relatos de Chandless devem ser vistos como apenas uma fonte de sentido, a qual é contextualizada e precisa de outras fontes para ser analisada e compreendida. Chandless registra o que “possa ser dito; o dizível. O não dito ou não reduzível, o indizível, é lançado nas margens e nos silêncios que ecoa palavras perdidas” (ISHII, 2019, p. 77). Esse indizível, esse “outro” discurso, essa “outra” história, precisam ser trazidos à cena, porque “no momento em que descobrimos o ‘outros’, descobrimos o ‘eu’ e vice-versa” (ISHII, 2019, p. 28).

Referências

BAKHTIN, Mikhail; VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16. ed. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014.

BERNUCCI, Leopoldo. Apresentação. In: ISHII, Raquel Alves. *William Chandless: arte e ofício em literatura de viagem pelas Amazônias*. Rio Branco: Nepan Editora, 2019, p. 15-18.

ISHII, Raquel Alves. *William Chandless: arte e ofício em literatura de viagem pelas Amazônias*. Rio Branco: Nepan Editora, 2019.

Recebido em: 05/03/2022

Aceito em: 22/03/2022